



A Santa Sé

SOLENNIDADE DE MARIA SANTÍSSIMA MÃE DE DEUS

XLIV DIA MUNDIAL DA PAZ

HOMILIA DO PAPA BENTO XVI

Basílica Vaticana

1º de Janeiro de 2011

(Vídeo)

Galleria fotografica

Queridos irmãos e irmãs!

Ainda envolvidos pelo clima espiritual do Natal, no qual contemplámos o mistério do nascimento de Cristo, hoje celebramos com os mesmos sentimentos a Virgem Maria, que a Igreja venera como Mãe de Deus, enquanto concebeu na carne o Filho do Pai eterno. As leituras bíblicas desta solenidade ressaltam principalmente o Filho de Deus que se fez homem e o «nome» do Senhor. A primeira leitura apresenta-nos a solene bênção que os sacerdotes pronunciavam sobre os Israelitas nas grandes festas religiosas: ela é marcada precisamente pelo nome do Senhor, repetido três vezes, como que para exprimir a plenitude e a força que deriva desta invocação. Este texto de bênção litúrgica, de facto, evoca a riqueza de graça e de paz que Deus concede ao homem, como uma disposição benevolente em relação a Ele, e que se manifesta com o «resplandecer» do rosto divino e o «dirigi-lo» para nós.

A Igreja ouve de novo hoje estas palavras, enquanto pede ao Senhor que abençoe o novo ano há pouco iniciado, na consciência de que, diante dos trágicos acontecimentos que marcam a história, perante as lógicas de guerra que infelizmente ainda não estão totalmente superadas, só Deus pode tocar o fundo do coração humano e garantir esperança e paz à humanidade. De facto, já está consolidada a tradição de que no primeiro dia do ano a Igreja, espalhada por todo o mundo, eleve uma oração coral para invocar a paz. É bom iniciar um novo trecho de caminho pondo-se

com decisão na via da paz. Hoje, queremos ouvir o brado de tantos homens e mulheres, crianças e idosos vítimas da guerra, que é o rosto mais horrendo e violento da história. Hoje nós rezamos a fim de que a paz, que os anjos anunciaram aos pastores na noite de Natal, possa chegar a toda a parte: «*Super terram pax in hominibus bonae voluntatis*» (Lc 2, 14). Por isso, sobretudo com a nossa oração, queremos ajudar todos os homens e povos, sobretudo quantos têm responsabilidades de governo, a caminhar de modo cada vez mais decidido pela senda da paz.

Na segunda leitura São Paulo resume na adopção filial a obra de salvação realizada por Cristo, na qual está como que encastoadada a figura de Maria. Graças a ela o Filho de Deus, «nascido de mulher» (Gl 4, 4), pôde vir ao mundo como verdadeiro homem, na plenitude dos tempos. Este cumprimento, esta plenitude, refere-se ao passado e às expectativas messiânicas, que se realizam, mas, ao mesmo tempo, refere-se também à plenitude em sentido absoluto: no verbo feito homem, Deus deu a sua Palavra última e definitiva. No limiar de um novo ano, ressoa assim o convite a caminhar com alegria rumo à luz do «sol que surge do alto» (Lc 1, 78), porque na perspectiva cristã, todo o tempo é habitado por Deus, não há futuro que não seja em direcção a Cristo e não existe plenitude fora de Cristo.

O trecho do evangelho de hoje termina com a imposição do nome de Jesus, enquanto Maria participa em silêncio, meditando no coração, o mistério deste seu Filho, que de modo totalmente singular é dom de Deus. Mas a perícopie evangélica que ouvimos põe em particular evidência os pastores, que se vão embora «glorificando e louvando a Deus por tudo o que tinham ouvido e visto» (Lc 2, 20). O cordeiro tinha-lhes anunciado que na cidade de David, isto é, em Belém, tinha nascido o Salvador e que teriam encontrado *o sinal*: um menino envolto em panos numa manjedoura (cf. Lc 2, 11-12). Tendo partido às pressas, eles encontraram Maria, José e o Menino. Observemos como o Evangelista fala da maternidade de Maria a partir do Filho, daquele «menino envolto em panos», porque é Ele — o Verbo de Deus (cf. Jo 1, 14) — o ponto de referência, o centro do acontecimento que se está a cumprir e é Ele quem faz com que a maternidade de Maria seja qualificada como «divina».

Esta atenção prevalecte que as leituras de hoje dedicam ao «Filho», a Jesus, não diminui o papel da Mãe, aliás, coloca-a na justa perspectiva: de facto, Maria é a verdadeira Mãe de Deus precisamente em virtude da sua total relação com Cristo. Portanto, glorificando o Filho honra-se a Mãe e honrando a Mãe glorifica-se o Filho. O título de «Mãe de Deus», a que hoje a liturgia dá relevo, ressalta a missão única da Virgem Santa na história da salvação: missão que está na base do culto e da devoção que o povo cristão lhe reserva. De facto, Maria não recebeu o dom de Deus só para si mesma, mas para o levar ao mundo: na sua virgindade fecunda, Deus concedeu aos homens os bens da salvação eterna (cf. *Colecta*). E Maria oferece continuamente a sua mediação ao Povo de Deus peregrinante na história rumo à eternidade, como outrora a oferecera aos pastores de Belém. Ela, que deu a vida terrena ao Filho de Deus, continua a oferecer aos homens a vida divina, que é o próprio Jesus e o seu Espírito Santo. Por isso é considerada mãe de todos os homens que nascem para a Graça e ao mesmo tempo é invocada como Mãe da

Igreja.

É no nome de Maria, Mãe de Deus e dos homens, que desde o dia 1 de Janeiro de 1968 se celebra em todo o mundo o Dia Mundial da Paz. A paz é dom de Deus, como ouvimos na primeira leitura: «O Senhor... te conceda a paz» (*Nm* 6, 26). Ela é o dom messiânico por excelência, o primeiro fruto da caridade que Jesus nos doou, é a nossa reconciliação e pacificação com Deus. A paz é também um valor humano que se deve realizar a nível social e político, mas afunda as suas raízes no mistério de Cristo (cf. Conc. Vat. II, Const. *Gaudium et spes*, 77-90). Nesta solene celebração, por ocasião do quadragésimo quarto Dia Mundial da Paz, sinto-me feliz por dirigir a minha deferente saudação aos ilustres Senhores Embaixadores junto da Santa Sé, com os melhores votos para a sua missão. Dirijo depois uma saudação cordial e fraterna ao meu Secretário de Estado e aos outros Responsáveis dos Dicastérios da Cúria Romana, com um pensamento especial ao Presidente do Pontifício Conselho Justiça e Paz e aos seus colaboradores. Desejo manifestar-lhes profundo reconhecimento pelo empenho quotidiano a favor de uma convivência pacífica entre os povos e da formação cada vez mais sólida de uma consciência de paz na Igreja e no mundo. Nesta perspectiva, a comunidade eclesial está cada vez mais empenhada a trabalhar, segundo as indicações do Magistério, para oferecer um firme património espiritual de valores e de princípios na busca contínua da paz.

Quis recordá-lo na minha Mensagem para a celebração do dia de hoje, com o título «Liberdade religiosa, caminho para a paz»: «O mundo tem necessidade de Deus; tem necessidade de valores éticos e espirituais, universais e compartilhados, e a religião pode oferecer uma contribuição preciosa na sua busca, para a construção de uma ordem social justa e pacífica a nível nacional e internacional» (n. 15). Por conseguinte, ressaltai que «a liberdade religiosa... é elemento imprescindível de um Estado de direito; não pode ser negada nem ao mesmo tempo minar todos os direitos e as liberdades fundamentais, pois é a sua síntese e ápice» (n. 5).

A humanidade não pode mostrar-se resignada à força negativa do egoísmo e da violência; não se deve habituar a conflitos que causam vítimas e põem em perigo o futuro dos povos. Face às tensões ameaçadoras do momento, e sobretudo diante das discriminações, dos abusos e das intolerâncias religiosas, que hoje atingem de modo particular os cristãos (cf. *ibid.*, n. 1), dirijo mais uma vez o urgente convite a não ceder ao desânimo e à resignação. Exorto todos a rezar a fim de que tenham bom êxito os esforços empreendidos por várias partes para promover e construir a paz no mundo. Para esta difícil tarefa não são suficientes palavras, é preciso o compromisso concreto e constante dos responsáveis das nações, mas é necessário sobretudo que cada pessoa seja animada pelo autêntico espírito de paz, que se deve implorar sempre de novo na oração e viver nas relações quotidianas, em todos os ambientes.

Nesta celebração eucarística temos diante dos olhos, para a nossa veneração, a imagem de Nossa Senhora do Sagrado Coração de Viggiano, tão amada pela população da Basilicata. A Virgem Maria dá-nos o seu Filho, mostra-nos o rosto do seu Filho, Príncipe da Paz: que ela nos

ajude a permanecer na luz deste rosto, que brilha sobre nós (cf. *Nm* 6, 25), para redescobrir toda a ternura de Deus Pai; que ela nos ampare ao invocar o Espírito Santo, para que renove a face da terra e transforme os corações, desfazendo a sua dureza perante a bondade desarmante do Menino, que nasceu para nós. A Mãe de Deus nos acompanhe neste novo ano; obtenha para nós e para o mundo inteiro o almejado dom da paz. Amém.

© Copyright 2011 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana